

conjunto heterogêneo. Mas heterogêneo precisamente pela força de atuação da linguagem; cujo desempenho fundamental consiste em promover permanentemente a abertura do sistema sógnico. E assim a crítica literária deve preservar a heterogeneidade para implicitar ou explicitar a verdade da obra. (FIL II, 69).

POESIA PERNAMBUCANA DO SÉCULO XX

MANUEL BANDEIRA

VULGÍVAGA

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos
Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha pubescência
Sabia todos os segredos...

Fui de um... Fuí de outro... Este era médico...
Um poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu engulho.
Aos fêrvidos, o que os esfrie.
A artistas, a *coquitterie*
Que inspira... E aos tímidos – o orgulho.

Estes, cação-os e depeno-os:
A canga fez-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
Dos sonhadores e de ingênuos!

E todavia se o primeiro
Que encontro, fere toda a lira,
Amanso. Tudo se me tira.
Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...

Se bate, então como o estremeço!
Oh, a volúpia da pancada!
Dar-me entre lágrimas, quebrada
Do seu colérico arremesso...

E o cio atroz se me não leva
A valhacoutos de canalhas,
É porque temo pela treva
O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!

OS SINOS

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino de Bonfim, por quem chora assim?...

Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão - pela minha mãe.
Sino da Paixão - pela minha irmã.

Sino do Bonfim, que vai ser de mim?...

Sino de Belém, como soa bem!...
Sino de Belém bate bem-bem-bem!

Sino da Paixão... Por meu pai?... - Não! Não!...
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, baterás por mim?...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...
Sino da Paixão, pelo meu irmão...

Sino da Paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

Sino de Belém, que graça ele tem!

VIRIATO OCTOGENÁRIO

"Queixem-se outros de gota, reumatismo",
Diz Viriato, "e de falta de memória.
Nada disso conheço. Nula é a escória
Do tempo em meu minúsculo organismo.

"Não ouço bem? Frequentemente cismo
que estou gripado? Dizem que é ilusória
Minha gripe (ao revés de minha glória),
E que minha surdez é comodismo.

"Se eu vos confiar que escassa é a obesidade
nos meus quadris e de ano em ano o cinto
aperto um ponto mais, quem de vós há de

"Acreditar-me! E jurareis que minto
Quando eu disser que quanto mais idade
Tenho, mais moço e lépido me sinto!

ASCENSO FERREIRA

SONETO

"Adeus! Eu voltarei ao sol da primavera!"
E a tua rósea boca à minha boca unindo
murmuraste baixinho: "O amor que em nós impera
nos permite encarar esta ausência sorrindo".

"Adeus! Eu voltarei quando o inverno for findo,
contigo ficará meu coração, espera..."
E estendendo-se a mão formosa em gesto lindo:
"Adeus, eu voltarei ao sol da primavera."

Três vezes, pelo azul, as andorinhas voaram,
três vezes do arvoredor as folhas se mudaram
e a estação do lilás mais uma vez impera...

E, embora não cumprida a jura que fizeste,
inda soa-me ao ouvido a frase que disseste:
"Adeus! Eu voltarei ao sol da Primavera!"

BANQUETE DE BEIJOS

I

Dos beijos ao banquete apaixonado
em sonhos o amor levou-me um dia.
Ah! Foi tão doce o gozo que eu fruía!
Ah! Foi tão doce e tão alcandorado,

que me julguei, por certo, transportado
nas asas do prazer e da alegria
às sublimes regiões onde a poesia
edificou seu fúlgido reinado.

Na taça do prazer e da ternura,
taça dos lábios cheios de doçura
de uma donzela, o símbolo do pejo

eu fruí do amor e da paixão
o néctar, que suaviza o coração
– Supremo néctar que oferece o beijo.

II

Tudo era puro, santo e sublimado,
em tudo se notava essa magia
tão suave, que ao meu ver só existia
no céu deista tão glorificado.

Muitos convivas via do meu lado
no meio da pureza desta orgia
também sorvendo o néctar que eu sorvia,
– Néctar do amor, nos beijos encarnado.

Sim; foi tão doce, tão divina e pura
deste meu sonho a mágica ventura
que de outra igual jamais eu tive ensejo.

Sim; foi tão doce a minha sensação,
que eu inda guardo a sã recordação
desse banquete mágico de beijos.

FALAR DE FLORES

Quem neste mundo ouviu flores falando?
Ninguém decerto... Mas, talvez o vento
que ao perpassar lhes conte um seu lamento
ouça e compreenda o seu falar tão brando.

E vós que amado tendes e que amando
estais talvez, ouve-me, pois, atento:
quanta vez uma dor, um sofrimento,
os não mandais em flores expressando?

E quantas, num lírio cheio de candura
que alguém vos deu, traduzes expressado
de um puro amor uma sagrada jura?

Certo que muitas... Vêde pois que a flor
possui o seu falar ignorado,
mas compreendido por quem tem amor!

ESTRELAS

Em mil constelações, estrelas luminosas
espargem-se no céu a brilhar, a brilhar...
Reflete-se em seu dorso o portentoso mar,
que na praia desfaz-se em ondas espumosas.

Sentindo o perpassar das brisas rumorosas
e as estrelas fitando, eu começo a exclamar:
"Quem m'as dera prender! Quem m'as dera pegar!
Ao menos conseguir uma entre as mais formosas!

Ouvindo-me falar, diria alguém assim:
"P'ra que queres pegar uma estrela formosa?
Não vês que elas de nós estão léguas sem fim?"

Mas eu responderia: "Eu quisera prendê-las
somente p'ra adornar a fronte luminosa
de uma Estrela terrena, estrela entre as estrelas!"

TRAÇOS

VII

Um coronel parente de um pranteado
barão, ministro dos exteriores,
vou hoje os traços decantar, senhores,
com perfeição, com garbo e com cuidado.

Do "marretismo" amigo entusiasmado
descreve a "Salvação" em negras cores,
e na França, o país dos esplendores,
a vida ele gozou um bom bocado.

Simpático, moreno, alto e elegante,
é um cavalheiro de fidalgo trato,
e como amigo é superabundante!

A vida leva como em mar de rosa,
no recôndito seio, ermo e pacato,
de uma Japaranduba mui frondosa.

LUA

E fui embora a lua... E a chuva aborrecida
não me deixou gozar a sua luz sagrada!
Lua cheia de amor, alva e purificada,
velando lá do céu a terra adormecida.

E eu amo tanto a lua... Amo-a porque dorida
é a sua existência assim abandonada.
Ó lua tão tristonha! Ó lua tão magoada!
Tu és meu doce amor, tua luz me dá vida.

E a ti, chuva cruel, que vieste aos meus desejos
transtornar, pois, contigo eu não pude um instante
de sua luz gozar os prateados beijos.

a ti imploro eu, chuva, um pouco de piedade,
para quando voltar de novo a minha amante,
não vires perturbar a minha felicidade.

CHEIA!...

Num ímpeto voraz, infrene e majestoso
vai o rio a correr tomado pela cheia;
e ferve, e galga e salta e ruge e cascadeia,
profundo, gigantesco, insano, tenebroso!

A tudo inunda, a tudo escala, a tudo ansioso
faz seu leito levar que mais a mais alteia.
Já se não quebra ali... Além já não volveia,
mas sim a tudo escala enorme e furioso.

Tal também sobre o rio escuro de minh'alma,
a cheia da descrença imensa e pavorosa
vive sempre a rugir, ausentando-me a calma.

Cheia negra, cruel, de enormes dimensões,
que nos surge de chofre e carrega impiedosa
d'envolta a correnteza as nossa ilusões!

TRAÇOS

XIV

Um membro da falange dos "marretas"
históricos da terra dos Palmares,
cujo jornal quase ia pelos ares,
naquela quadra preta, entre as mais pretas,

sem do pincel servir-me, ou de palhetas,
vou pintá-lo também nestes cantares,
a fim de completar uns sete pares
de respeitabilíssimas caretas.

De Monte-Negro diz-se natural,
apesar de ter visto a luz do dia
nesta brasílea pátria tão genial.

Dizem que além de dono, ele é gerente
de uma folha que os fatos noticia;
porém não sei se falam seriamente...

JOAQUIM CARDOZO

VELHAS RUAS

Velhas !
Cúmplices das terras e dos ladrões,
escuras e estreitas, humildes pardieiros.
Quanta gente esquecida e abandonada.

As varandas se alongam
num gesto atento e imóvel de quem espreita
rumor, sombra de passos que passaram,
tactos de mãos ligeiras, invisíveis.

Velhas ruas!
Cúmplices das trevas e dos ladrões,
refúgio do valor desviado e da coragem anônima,
sombra indulgente para os malfeitores,
de quem ocultais os crimes,
e a quem dais, generosas,
nos momentos de paz, um conselho materno.

Comovida e cristã sabedoria
esperança colorida das gerações passadas,
esses muros que a ferrugem da noite rói, sugerem
o velado esplendor espiritual dos conventos,
o ritmo das coisas imperfeitas,
a volúpia da humildade.

Trêmula, dos lampiões,
desce uma luz de pecado e remorso,
e o cais do Apolo acende os círios
para velar de noite o cadáver do rio.

RECIFE EM OUTUBRO

Ó cidade noturna!

Velha, triste, fantástica cidade!

Desta humilde tropeira, sem flores, sem poesia,
alongo a vista sobre as águas,
sobre os telhados.

Luzes das pontes e dos cais
refletindo em colunas sobre o rio
dão a impressão de uma catedral imersa,
imensa, deslumbrante, encantada.

Onde, ao esplendor das noites velhas,
quando a cidade está dormindo,
quando as ruas estão desertas,
quando, lento um luar transviado envolve o casario,
as almas dos heróis antigos vão rezar.

Sinto no meu sangue a carícia da noite...

Ao silêncio as horas morreram;
e ao saimento
das horas mortas
um sino toca.

Caminho a passo lento.
Creio que alguém me espia do alto, das cornijas.
Vai passando na sombra a ronda dos meus sonhos.
Toda a cidade, eu vejo, está transfigurada:
é um campo desolado, negro, enorme,
onde rasteja ainda
o último rumor de uma batalha.

E a massa negra dos edifícios
as torres agudas recortando o azul sombrio,
cadáveres revoltos, remexidos,
com os braços mutilados

erguidos para o céu,
ó minha triste e materna cidade,
reflete na minha alma rude e amargurada
o teu fervor católico, o teu destino, o teu heroísmo.

GILBERTO FREIRE

PARIS

Aqui me senti ainda moço
um pobre tísico,
Foi há mais de trinta anos.
Escarrei sangue num hotel.
Mesmo assim tenho saudade
do pobre tísico de Paris.

EM HEIDELBERG: PENSANDO NA MORTE

Penso no alemão que chamou a Morte de
"doce Morte" e disse
"– Vem, doce Morte".
Eu não chamo a morte de doce
Sei que Ela é amarga (o amargor de raízes).
O que eu digo à amarga Morte é
Que venha docemente.

JANGADA TRISTE

Ao longe, mui ao longe, no horizonte,
além, muito além daquele monte,
como ave que voa desdenhada,
flutua tristemente uma jangada.

Nos zangados soluços do oceano,
quase desaparece o canto humano
de quem no mar e céu inda confia
porque em terra tudo lhe é melancolia.

Isso de Terra firme e mar traiçoeiro
 nem sempre é certo para o jangadeiro
 mais preso ao fiel sal que a incerta areia.
 Mistura ao grande azul as suas mágoas
 e encontra no vaivém das verdes águas
 consolo às negras dores cá da terra.

SAGRES

Sagres
 Paisagem terrivelmente magra.
 Não se compreende gente comodista nesta ponta de terra áspera
 (ela própria cheia de ossos, cheias de espinhos).
 Só homens como o Infante
 Ascetas dourados quase bruxos com suas capas negras
 Árabes
 Judeus
 Matemáticos
 Astrólogos
 Geógrafos
 olhando o mar com olhos feiticeiros
 ouvindo os ventos com ouvidos de tísicos ou de médicos
 estudando os céus
 emendando mapas
 adivinhando terras
 profetizando Índias, Áfricas e Brasis

ÁGUAS DO ALGARVE

No *Algarve* as águas corrigem os excessos do sol
 São águas que recebem muito bem todas as visitas
 que pedem desculpas dos exageros de luz
 e das ausências de sombras
 (crimes dos avós mouros).

Águas bíblicas águas orientais
 Águas mouras águas árabes
 águas que refrescam os olhos do viajante
 que adoçam os ouvidos até dos maus turistas,
 que amanciam as zangas dos ingleses contra os calores de Portugal

MAURO MOTA

DEZ ELEGIAS

Elegia
nº 1

Vejo-te morta. As brancas mãos pendentes.
Delas agora, sem querer, libertas
a alma dos gestos e, dos lábios quentes
ainda, as frases pensadas só em certas

tardes perdidas. Sob as entreabertas
pálpebras, sinto, em teu olhar presentes,
mundos de imagens que, às regiões desertas
da morte, levarás, que a morte sentes

fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva, a cabeleira,
teus cabelos voando ! ah ! teus cabelos !

Gesto de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.

Elegia
nº 2

Eternizo os teus últimos instantes:
quero esquivar-te ao derradeiro arquejo;
quero que, aos meus ouvidos, ainda cantes
nossa canção de amor, quero; desejo

ter-te ao meu lado como tinha dantes.
Na fronte exausta, do outro mundo um beijo
sinto. Foi de tua alma. Bem distantes,
seus cabelos castanhos soltos vejo.

Tinha a certeza de que voltarias.
Ouviste a minha voz, e de mãos frias
chegas ansiosa ! (Foi tão longa a viagem !)

Que palidez na face ! Inutilmente
busco abraçar-te. Foges, que és somente
sombra, perfume, ressonância, imagem.

Elegia
nº 3

De mim perto, bem perto, junto, unida,
como nunca estiveste, agora estás.
Foste e ficaste - estranha despedida,
reino de sombras, de silêncio e paz.

Tua presença é eterna, eterna é a vida
que, feliz, para sempre, viverás.
Morta é a morte, levaste-a de vencida,
não nos separaremos nunca mais.

Quando chegar meu derradeiro instante,
ó noiva ausente num país distante,
nossos amigos todos ouvirão

vozes e cantos, músicas e abraços.
Dos fantasmas que formos nos espaços
será o encontro sem separação.

Elegia
nº 4

Passos incertos sobre as lajes frias,
sigo em busca de ti, sigo à procura
do tumulto da vida de outros dias,
que foi contigo para a sepultura.

Sinto, na solidão da noite escura,
que, de onde estás, não me abandonas: guias,
e que vais a meu lado, de alma pura
como, nos tempos que morreram, ias.

Amo-te mais depois que fostes embora,
Nas lajes frias meus incertos passos,
deixas de ser a eterna ausente agora.

Chegas, transfigurada, dos espaços,
e eu vou contigo pela vida afora,
conduzindo a tua alma nos meus braços.

Elegia
nº 5

Desesperada solidão. Sozinho
fico na erna planície desta cama.
De um corpo ausente a sombra se derrama
nas alvas dobras do lençol de linho.

No teu canto deserto eu te adivinho.
Tua lembrança aviva mais a chama,
e o solitário amante a amada chama.
Bem mansamente, bem devagarinho,

pela amplidão do céu vens vindo leve,
bem leve e fluida. Do distante espaço
partem cantos de amor. Chegas, e, em breve,

deitas no branco leito, e até parece
que és a réstia da lua, este pedaço
de luar que pela clarabóia desce.

Elegia
nº 6

Irrevelada angústia da última hora:
tantas frases de amor não foram ditas,
e silenciosamente foste embora
para as grandes distâncias infinitas.

Pássaro ou anjo que distante mora,
inquietas asas pelo céu agitas.
Voltas e pousas suavemente agora
dentro das minhas solidões aflitas.

Voltas, e eu fico em dúvida se pousas;
tal a ternura com que vens e a calma,
tão leve como o espírito das coisas.

Chegas, após vencer longos caminhos,
com a pureza que só vive na alma
das rosas virgens e dos passarinhos.

Elegia
nº 7.

A sombra para sempre refletida,
pouco importa que esteja o corpo ausente.
Do silêncio do piano, de repente,
rebenta a tua valsa preferida.

Canção de Viena, na hora e no ambiente
onde, em antigas noites, foi ouvida.
A tristeza da tua despedida
quando as rosas abriam suavemente!

O medo da alma que, no escuro, tinhas,
a música dos gestos e da fala,
tuas mãos a tremer dentro das minhas.

A valsa preferida que rebenta,
diáfanos véus em giros pela sala,
teu fantasma dançando a valsa lenta.

Elegia
nº 8

As mãos leve que amei. As mãos, beijei-as
nas alvas conchas e nos dedos finos,
nas unhas e nas transparentes veias.
Mãos, pássaros voando nos violinos.

Abertas sempre sobre os pequeninos,
mãos de gestos de amor e perdão cheias.
Mãos feitas para construir destinos
no céu, no mar, nas rápidas areias.

As mãos que amei em todos os instantes,
A carícia das mãos que iam colhê-las
eram as rosas que colhiam antes.

Se parecem dormir, não as despertes.
As mãos que amei, que desespero vê-las
cruzadas, frias, lânguidas, inertes !

Elegia
nº 9

Brisa da tarde, mensageira brisa,
do tempo antigo como se voltasse.
Brisa do jardim público, na lisa
pedra do banco, uma legenda nasce.

Quase criatura pela relva pisa
flutuante, fina, alígera, fugace,
entre meus dedos trêmulos desliza,
sinto o seu beijo póstumo na face.

Brisa da tarde, vens tangida pelos
cabelos soltos, rápidos cabelos
esvoaçantes pelos céus azuis.

Lembro, um dia, a envolveste e foste embora,
brisa, e da amada tão distante, agora,
é o cheiro e a imagem que me restituís.

Elegia
nº 10

Insone e inquieta na pequena cama,
na longa noite, Luciana chora,
e à mamãe tão distante chama, chama,
como se ela pudesse ouvi-la agora.

Não quer o pai, não quer também sua ama;
só a mãe que a deixou e foi embora.
No seu choro sem fim, pede e reclama
a canção de dormir que ouvira outrora.

Mãe, aos poucos, na noite, vejo-a calma.
Para alguém os seus braços se levantam.
Junto do berço, maternal, tua alma.

canta a canção de doces estrilhos
que as mães, mesmo depois de mortas, cantam
para embalar os pequeninos filhos.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

A JOAQUIM CARDOZO

Com teus sapatos de borracha
seguramente
é que os seres pisam
no fundo das águas

Encontram-se algum dia
sobre a terra
o fundo do mar
o tempo marinho e calmo

Tuas refeições de peixe,
teus nomes
feminino: Mariana, teu verso
medido pelas ondas;

a cidade que não consegues
esquecer
aflorada no mar: Recife,
arrecifes, marés, maresias;

e marinha ainda a arquitetura
que calculaste:
tantos sinais da marítima nostalgia...
que te fez lento e longo.

A VICENTE DO REGO MONTEIRO

Eu vi teus bichos
mansos e domésticos:
um motociclo
gato e cachorro.
Estudei contigo
um planador,
volante máquina,
incerta e frágil.
Bebi de aguardente
que fabricaste,
servida às vezes
numa leiteira.
Mas sobretudo
senti o susto
de tuas surpresas.
E é por isso
que quando a mim
alguém pergunta
tua profissão
não digo nunca
que és pintor
ou professor
(palavras pobres
que nada dizem
de tais surpresas);
respondo sempre:
– É inventor,
trabalha ao ar livre,
de régua em punho,
janela aberta
sobre a manhã.

A NEWTON CARDOSO

Eu vi a bola
de futebol
correr no campo.
Que era ela?

Bola de ténis
alegre e viva?
Estenodactilógrafa
risonha e loura?

Depois saías
no seu encalço
como lembrança
que se persegue.

Depois saltavas,
para alcançá-la
como a uma fruta
alta num galho.

Eu me orgulhava
de ser teu amigo
como em menino
tanto invejei

tuas mãos lavadas,
como ainda hoje
teu natural
em amar o sol.

A ÁGUA DA AREIA

Podem a ablução, os muçulmanos,
com areia, se não têm água;
fazem da areia um outro líquido,
eficaz igual no que lava.

A areia pode lavar neles
qualquer espécie de pecado:
na ablução ela flui como a água,
dissolve o mal mais empedrado.

CARLOS PENA FILHO**A ROSA NO ÍNTIMO**

Entro em teu breve instante, onde os minutos
são três pássaros líquidos e enormes
e contemplo os gelados aquedutos
guardiães do silêncio, enquanto dormes.
Pouso a cabeça nos teus lábios sujos
de mundo e tempo, e vejo que possuis
em teus seios, dois bêbados marujos
desesperados, sós, raros, azuis.
Enfim, além (no além de tuas pernas
onde Deus repousou a sua face
cansado de inventar coisas eternas)
desvendo ao desespero de quem passe,
a rosa que és, a mística e sombria,
a noturna e serena rosa fria.

JOÃO ALBERTO

Vale apenas saber que a sorte é breve
e que a vida caminha além da morte.
Para quem guerra e amor na vida teve,
é paz a morte.

Hoje lembro que o mundo é brusco e vão
e o ideal, camisa desbotada.
Por isso é que finquei o meu padrão
no nada.

TIRADENTES

É o muito esperar que existe em torno
que me destina a ação desbaratada.
A morte é bem melhor do que o retorno
ao nada.

Não nasce a pátria agora, o sonho mente,
mas, em meio à mentira, sonho e luto
pois sei que sou o espaço entre a semente
e o fruto.

SONETO DO DESMANTELO AZUL

Então pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas
depois vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas.

Para extinguir em nós o azul ausente
e aprisionar no azul as coisas gratas
enfim, nós derramamos simplesmente
azul sobre os vestidos e as gravatas.

E afogados em nós, nem nos lembramos
que no excesso que havia em nosso espaço
pudesse haver de azul também cansaço.

E perdidos no azul nos contemplamos
e vimos que entre nós nascia um sul
vertiginosamente azul. Azul.

EDMIR DOMINGUES**CIDADE SUBMERSA**

ou

Variações sobre um tema antigo
desde Atlântida e Lemúria.

Acordo súbito, é tarde
e a surpresa me surpreende,
enchou-se-me de água o quarto
os livros bóiam no teto
grandes peixes taciturnos
espiam-me o sono imenso.
Desperto pondero os fatos
não sei por que não sei como
respiro não tenho guelras
no centro das águas mansas
e a vida se me parece
como antes naturalmente.

Mas o quarto submarino
nunca o vira nem soubera
e entanto as águas estavam
lá dentro literalmente.
Será que a guerra dos mundos
no meu sono começara?
ou que o degelo dos pólos
se fizera num momento?
Os russos e americanos
Também contidos nas águas
Será que enfim maldiriam
do tempo da guerra fria?
Fria mesmo era a água fria
que me estava enchendo o quarto.

Levanto-me e já percorro
a casa e a casa era toda
o aquário onde os bichos d'água
faziam do seu passeio.

Saio à rua e não há rua
que a cidade está submersa
e o longo painel das águas
se desenrola no tempo.

Ah que eu sempre suspeitava
que esta cidade tão plana
seria um dia contida
no dorso verde do mar,
que o mar guardava os seus mangues
como espias traiçoeiros
como cúmplices danados
mesmo no seio da incauta.

Percorro a cidade toda
cidade não há, se acaso
não se há de dizer cidade
das águas que a devoraram,
porém é um mundo de mágica
o aquário onde vejo e sinto
toda a fauna do mistério
desenvolvendo o seu jogo.

Eis que com pouco me encontro
no Parque Treze de Maio
ao lado do qual dormia
a sombra da Faculdade.

As antigas namoradas
travestidas de sereias
será que estão pela praça
com suas caudas de peixe?

Já percorro a praça toda
como em domingos antigos
mas o parque está deserto
ninguém que veja o meu passo.

Ninguém não, porque estão peixes
Nadando tranqüilamente
iluminando o passeio
nessa luz difusa e vaga
que é sempre própria dos peixes.

Calamares cor cinza
envolvem os seus tentáculos
como as estrelas do inferno
nos seios de bronze escuro
das estátuas no silêncio.

Será que apenas eu vivo
existo em toda a cidade?
Ou aquelas que eu buscara
Estão vivendo do sono
porquanto é tarde da noite?

(Impossível ter certeza
se a vida nos nega sempre
certeza plena das coisas.)
Resta que eu viva pesquisa
nesta cidade afogada
num campo de mar - pai nosso
cruzado da reconquista.

Procuro o rio, ora o rio
é uma ficção tão somente
junto das formas estranhas
das pontes debaixo d'água.

Arcos (as pontes) ligando
dois pontos mal divisados
neste instante em que eu os vejo
já me parecem mais belos
dessa beleza mais pura
que vem da inutilidade.

Mas sinto que sofro muito
sabendo o rio afogado,
e somente então percebo
o quanto amava esse rio
que amor só se sente pleno
depois do instante da perda.

Cruzo a ponte, na avenida
cefalópodes descansam
as suas formas fantásticas
a um passo do meio-fio.
Larvas, actínias, estrelas
do mar, no que fora terra,
emprestam a tudo o aspecto
de um quadro sobre a parede.

Microplantas iluminam
com suas roupas de fósforo
os meus passos no passeio
de ver a cidade minha.

Percebe-se no ambiente
tão grandes luminescências
que eu na verdade suspeito
que os peixes que têm luz própria
subiram todos do abismo
para ver esta cidade
há tanto tempo famosa.

Na rua Novas Lagostas
deslizam contornos vagos,
mexilhões no calçamento
enfeitam de novo brilho
o pouso onde os pés descansam,
sifonóforos, retidos,
têm espasmos de agonia
com seus tentáculos presos
nos fios da rede elétrica.

Busco o Pátio de São Pedro
para a surpresa feliz,
porque são peixes barrocos
os que em cardume se encontram
neste recinto sagrado,
respeitando a arquitetura
e o nosso próprio respeito.

E em tudo reina um silêncio
que talvez não seja unânime,
mas que é a realidade
para os ouvidos que tenho
mal refeitos da surpresa,
mas ah ouvidos escutam
um sino batendo ao longe
e uma canção se espalhando
pela espessura das águas.

Procurro seguir o rumo
da voz do sino e percebo
- milagre de São Francisco -
tocando o sino da Penha
tangido pelas correntes
marinhas, ou por si próprios,
lembrando que a fé subsiste
mesmo no íntimo das águas.

Oh bairro de São José
pedaço da minha infância,
das tuas ruas tão tristes
somente uma rua triste
entre as ruas da cidade
(a rua das Águas Verdes)
não há de trocar de nome.

Nesta altura já percebo
toda a cidade submersa
pelo qual já não me sobra
mais a razão de viver.

Subo à tona onde me ferem
as flechas da madrugada
que vem surgindo do mar.
Nem as copas das palmeira
Emergem do lençol d'água
e apenas se vê no extremo
alguns dos montes de Olinda.

Respiro profundamente
o ar frio da manhã fria,
e como um peixe me afogo
no ar que agora me sufoca,
e morro dessa asfixia
na mansa luz da manhã.

Recife, janeiro de 1958.

PASSAPORTE

1964 / 1979

2ª edição